

Edi Alves de Oliveira Neto¹

**Pastores Belga de Malinois e a busca
pelo cão policial moderno: entre
novas práticas e velhas controvérsias**

**Belgian Malinois and the search for
the modern police dog: between new
practices and old controversies**

¹ Instituto Federal de Goiás - Campus Águas Lindas; Universidade Federal de Brasília.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo debater os efeitos da modernização da polícia sobre as corporalidades dos cães policiais. Os dados foram coletados etnograficamente em canis policiais do Distrito Federal. O debate sobre a modernização das polícias, orientado pelas categorias de eficiência, eficácia e produtividade, tem levado a mudanças nas estruturas, nos recursos e nas práticas destas instituições, inclusive em suas unidades de policiamento com cães. Na busca pelo cão mais eficiente, os Pastores Belga de Malinois se tornaram referência nos canis policiais do Brasil. Os cães desta raça ocuparam o espaço antes consagrado para Pastores Alemães, Rottweilers e Dobermanns. Este processo de modernização reforça o paradoxo típico dos animais de trabalho, e do qual o cão policial não é exceção, que é o duplo posicionamento enquanto sujeito e objeto. A partir da seleção das raças, da reprodução controlada e da seleção genética, os canis policiais buscam preencher seus plantéis com os cães supostamente mais eficientes. Os dados também apontam para uma redução da biodiversidade doméstica nos canis policiais e nas redes de agentes e instituições que, de alguma maneira, estão interligadas ao seu trabalho, como criadores particulares, kennel clubs e treinadores.

PALAVRAS-CHAVE: cães policiais; modernização da polícia; corporalidades animais; animais de trabalho; sociologia animal.

ABSTRACT

This article aims to discuss the effects of police modernization on the corporalities of police dogs. The data were collected ethnographically in police kennels in the Federal District. The debate on police modernization, guided by the categories of efficiency, effectiveness, and productivity, has led to changes in the structures, resources, and practices of these institutions, including their canine policing units. In the search for the most efficient dog, Belgian Malinois have become a reference in police kennels in Brazil. Dogs of this breed have taken the place previously reserved for German Shepherds, Rottweilers, and Dobermanns. This modernization process reinforces the typical paradox of working animals, of which police dogs are no exception, which is the dual positioning as subject and object. Based on breed selection, controlled reproduction, and genetic selection, police kennels seek to fill their kennels with the supposedly most efficient dogs. The data also point to a reduction in domestic biodiversity in police kennels and in the networks of agents and institutions that are somehow interconnected with their work, such as private breeders, kennel clubs and trainers.

KEY WORDS: police dogs; police modernization; animal corporalities; working animals; animal sociology.

INTRODUÇÃO

A partir de etnografia realizada em canis policiais (OLIVEIRA NETO, 2016; 2021), este artigo tem como objetivo analisar sociologicamente os efeitos da modernização da polícia sobre as corporalidades dos cães policiais. Na busca pelo cão mais eficiente, os cães da raça Belga de Malinois se tornaram referência nos canis policiais do Brasil, considerados “a /ferrari dos cães”, ocupando o espaço antes consagrado para Pastores Alemães, Rottweilers e Dobermanns, resultando em mudanças significativas dos corpos animais que trabalham nestes canis.

O cão, considerado pelo senso comum como o melhor amigo do ser humano, está presente no cotidiano de brasileiros e brasileiras de variadas formas, mas, principalmente, enquanto animais de companhia, seja como cães de guarda (CHAVES, 2006; OLIVEIRA NETO, 2021), seja ocupando lacunas nas relações de parentesco e de cuidado (CHAVES, 2006; GAEDTKE, 2019; IRVINE, 2008; 2012). Ao preparar diariamente uma alimentação especial, ou ao trazer presentes de viagens para seus cães, os indivíduos cuidam destes como se fossem parentes (MAZON; MOURA, 2017), tornando o modelo de família multiespécie uma configuração familiar cada vez mais recorrente na contemporaneidade (LIMA, 2016).

O uso dos cães variou para além das conhecidas funções de companhia e guarda. Já no século XVII, Thomas (2010) aponta para o uso de cães de faro para “seguir o rastro de criminosos” (THOMAS, 2010, p. 144), como também para o trabalho no campo, de pastoreio e como força de tração. O autor afirma que tropeiros e açougueiros também faziam uso do trabalho de cães em suas atividades. A polivalência da espécie canina permitiu que esta se espalhasse por todas as regiões e sociedades, adaptando-se a realizar diferentes funções. Nenhuma outra espécie conseguiu acompanhá-la com tamanho sucesso na cooperação e convivência na sociedade humana, a partir da geração de uma significativa diversidade de raças, com portes e aptidões muito distintas umas das outras.

Enquanto no início de sua história compartilhada humanos e cães se relacionavam-se em contextos de trabalho, a partir da Modernidade estas formas de relação perdem espaço nas sociedades urbanas. Os animais de trabalho e de produção são deslocados para longe das cidades, onde o fenômeno dos animais de companhia se desenvolve (LIMA, 2016; THOMAS, 2010). Daí em diante, é plausível sugerir que a representação social do cão *pet* se torna preponderante no senso comum sobre este animal (OLIVEIRA NETO, 2021).

A posição de animal de estimação por excelência na sociedade ocidental deu ao cão posição social de privilégio em relação aos outros animais domésticos (THOMAS, 2010). Assim como na sociedade em geral, os cães *pets* possuem lugar privilegiado também nos estudos acadêmicos. Nas ciências sociais brasileiras, em particular Antropologia, campo no qual o estudo das relações humano-animal está mais estabelecido do que na Sociologia, os *pets* (não apenas cães) são os objetos de pesquisa mais recorrentes. Ainda que os animais de laboratório tenham destaque nos

estudos de Ciência e Tecnologia (SÁ, 2006), e alguns animais de trabalho tenham sido estudados pontualmente, como cães pastores (BARRETO, 2015) cães-guia (SANDERS, 2000), cães puxadores de trenó (FANARO, 2020; 2021; 2024b) e cães farejadores de trufas (FANARO, 2021; 2024a), são os animais de companhia que recebem maior atenção dos pesquisadores.

Antes da Modernidade, como já foi dito, este local privilegiado dos animais de estimação na sociedade atual era ocupado pelos animais de trabalho. Até meados do século XVII eram estas formas de relações que prevaleciam entre humanos e seus cães de caça, de corrida, de tração, de briga e, principalmente, de guardas (THOMAS, 2010). Na medida em que estas práticas perderam espaço nas sociedades modernas, seja pelo processo civilizador elisiano do comportamento humano e de suas sensibilidades interespécies (LIMA, 2016), seja como reflexo das inovações tecnológicas, os animais de trabalho perderam também perderam.

Por exemplo, a Modernidade trouxe a substituição dos animais de tração e transporte por máquinas e automóveis. Cavalos e carruagens foram substituídos por carros e caminhões. Na Londres do século XX estes animais foram proibidos de circular onde antes reinavam absolutos. Seu uso era representado como atrasado e deveria ser substituído pelo produto da tecnologia humana, seguindo o ethos moderno (THOMAS, 2010). Da mesma forma, bois de tração utilizados nos arados foram substituídos pelos tratores, burros de carga foram substituídos por pequenos caminhões e cães de guarda foram substituídos por sistemas de segurança, compostos por câmeras, cercas elétricas e sistemas de monitoramento à distância.

A maior parte dos animais de trabalho e das atividades que os envolviam foi gradualmente substituída por tecnologias, e seu uso foi reduzido a poucas atividades, como o pastoreio e o policiamento com cães, reclusos em seus grupos. No Brasil, algumas atividades ficaram relegadas a rituais e eventos religiosos, como, por exemplo, as carreatas com carros de boi para a festa do Divino Pai Eterno, em Goiás, e as cavalhadas de Pirenópolis. Outras foram praticamente abandonadas e só existem enquanto hobbies, como o uso de pombos correio (GORRELL, 2003). De fato, nos séculos que se seguiram durante o período moderno, as atividades com uso de animais de trabalho perderam espaço e destaque num mundo de seguidas revoluções tecnológicas (THOMAS, 2010). Em grande medida, corpos animais foram substituídos por objetos e sistemas de inteligência artificial.

Porém, o trabalho de policiamento com cães, considerado um tipo de trabalho de menor valor, um trabalho sujo e pouco tecnológico até a última década do século XX, passa a integrar o próprio processo de modernização das instituições de segurança pública com o advento das técnicas e tecnologias de faro (OLIVEIRA NETO, 2021). Não apenas na atividade policial, mas em diferentes atividades de fiscalização, o uso do faro dos cães emerge como uma tecnologia alinhada aos princípios modernos de eficiência, eficácia e produtividade. O trabalho desenvolvido pela Vigiagro (Vigilância Agropecuária Internacional), iniciado com a criação do Centro Nacional de Cães de Detecção em 2018, no aeroporto Juscelino

Kubitschek, em Brasília, é um exemplo didático. De acordo com o site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento:

A globalização resultou no crescimento do comércio e trânsito internacionais de produtos de interesse agropecuário entre os diversos países do mundo. Em decorrência disso, aumentaram as possibilidades de introdução e disseminação de agentes causadores de doenças animais e pragas dos vegetais, que ameaçam a produção agropecuária, a saúde pública e o equilíbrio ambiental dos países.

Diante deste cenário, a utilização de cães farejadores treinados para a detecção de produtos de interesse agropecuário em portos, aeroportos e postos de fronteira, constitui uma ferramenta de alta eficiência, que confere agilidade e precisão à fiscalização.

Esta ferramenta é mundialmente adotada por países que, assim como o Brasil, tem no agronegócio importância social, política e econômica. Chile, Nova Zelândia, Austrália, China, Coréia do Sul, México, Canadá e EUA, dentre outros países, já utilizam cães para detecção de produtos de interesse agropecuário, cujo ingresso em seus respectivos territórios esteja sujeito a controle oficial. (MAPA, 2017, s.p.)

Em 2015, em um primeiro contato empírico com canis policiais do Distrito Federal, eram perceptíveis as mudanças que ocorriam ali, sendo que parte significativa destas mudanças resultava de investimentos feitos pelo Governo Federal, através de editais de financiamento do Ministério da Justiça, para a realização dos jogos Pan-Americanos de 2007, da Copa do Mundo de Futebol em 2014 e das Olimpíadas em 2016. Tanto as estruturas físicas dos canis, quanto seus recursos humanos e animais, passaram por melhorias, as quais resultaram também em maior publicidade deste trabalho, principalmente as atividades de detecção de armas e entorpecentes, muito valorizadas pela ascendente mídia policial(esca).

O investimento feito à época incluía cães comprados de outros países (EUA e Alemanha), algo que não era comum no Brasil. A partir desse momento, se desenvolveu também o mercado interno de criação de cães de trabalho, em especial os voltados às demandas de canis policiais, já que as corporações policiais passaram, cada vez mais, a comprar cães, e não apenas a reproduzi-los internamente. É neste momento que a genética canina passa a ser percebida pela burocracia estatal enquanto modernizadora de um instrumento de trabalho, enquanto tecnologia que agrega eficiência ao trabalho policial (OLIVEIRA NETO, 2021a).

Em meio a este processo, este artigo da atenção à mudança da corporalidade animal resultante desta modernização do policiamento com cães: raças antes consagradas para este trabalho, como Dobermanns e Rottweilers, foram substituídas por uma que, de acordo com o discurso dos cachorreiros, realizava as mesmas atividades, mas com menor violência, maior versatilidade e melhor custo benefício, a dos Pastores Belga de Malinois.

CONTEXTO EMPÍRICO

Os dados que amparam os debates deste artigo foram produzidos em pesquisa empírica com grupos específicos de atores sociais, os policiais do BPCães/PMDF, do GOC/PRF, do SECAN/PRF, e os bombeiros da Companhia de Cães do BBS/CBMDF. Os agentes humanos destes grupos são denominados cachorreiros, termo que designa aqueles que, nas instituições de segurança pública, trabalham com cães.

Os procedimentos de coleta de dados utilizados foram a etnografia e as entrevistas semi-estruturadas. A partir da vivência do cotidiano de trabalho dos cachorreiros, buscou-se observar elementos de suas práticas e como estas estão relacionadas, ou não, com as suas representações, partindo da ideia de que prática e representação são duas faces da relação humano-animal. A partir do discurso dos entrevistados, localizou-se núcleos de sentido que compõem as representações sociais sobre os cães e sobre o trabalho com eles. As representações apreendidas são então instrumento para análise e compreensão das questões gerais que norteiam o artigo.

Quanto à forma de abordagem em relação à natureza do problema, pode-se enquadrar a pesquisa como sendo qualitativa (SILVA e MENEZES, 2001; JUNG, 2004). Já em relação aos objetivos das entrevistas, estas podem ser classificadas como dos tipos descritiva e exploratória (SILVA e MENEZES, 2001; JUNG, 2004; BIRCHAL; ZAMBALDE; BERMEJO, 2012), pois objetivam descobrir e descrever elementos que participam, direta ou indiretamente, das relações entre cachorreiros e seus cães. Além disso, cabe lembrar que língua e linguagem são componentes da vida das pessoas, de seu modo de viver, carregadas de significados que se definem no dizer do dia a dia (BECKER, 2007), e que, por isso, o discurso dos atores entrevistados revela também representações sociais, valores e categorias nativas que são relevantes para a compreensão dos fenômenos sociais dos quais participam. Trechos das entrevistas são apresentados no decorrer do artigo, com a identidade de seus autores preservada.

Como amparo metodológico às análises dos dados, foi escolhida a Teoria das Representações Sociais (TRS), a qual permite compreender como os atores sociais entendem o mundo e seu lugar dentro dele, jogando luz na rede de valores e crenças que formam o conteúdo das representações sociais. Pela TRS, as portas de entrada para a compreensão de um dado fenômeno social, no caso a relação cachorro-cão, são os sentidos que os atores dão ao que fazem em sua rotina de trabalho, e no restante de seu cotidiano, o que aproxima tal abordagem daquela da sociologia comprensiva (PORTO, 2010).

Abordar a realidade social a partir das representações implica entender que a sociedade é formada pela sua parte material, objetiva, e pela sua parte virtual, simbólica, subjetiva, tão real quanto a parte material. Esta parte simbólica, das representações, está presente nas imagens, na linguagem (JOVCHELOVITCH, 1998), nos discursos, nas palavras e nas mensagens midiáticas (JODELET, 2001; 2009). A TRS é uma metodologia que privilegia a subjetividade das representações, mas sem perder de vista que estas “só se constroem em relação a um dado contexto ou ambiente, objetivamente dado, já que sentidos não podem ser compreendidos

independentemente do campo social no qual se inserem" (PORTO, 2010, p. 219). Nas palavras de Moscovici: "Concretamente, significa dizer que as representações sociais têm a capacidade de criar e de estipular uma realidade denominando, objetivando noções e imagens, dirigindo as práticas materiais e simbólicas para esta realidade que lhes corresponde" (MOSCOVICI, 2003, p. 96).

Por si só, as representações sociais não representam conhecimento sociológico objetivo, pois, para isso, é necessário que sejam interpretadas em relação direta com a realidade objetiva sobre a qual falam (PORTO, 2010).

A representação dos animais enquanto máquinas, ou autônomos, preponderante nos primeiros séculos da Modernidade, por exemplo, persiste nos dias atuais. O discurso dos cachorreiros em apresentar seus cães enquanto ferramentas eficientes, enquanto armas, reflete a persistência desta representação moderna, e destaca a aptidão da TRS para sua compreensão sociológica.

CÃES POLICIAIS E A MODERNIZAÇÃO DA POLÍCIA

Para Sanders: "*The patrol dog is, most basically, a law enforcement tool that like the gun or nightstick, symbolizes police authority (...), is employed to threaten or do violence to unruly civilians, and offers protection in the face off danger (...).*" (SANDERS, 2007, p. 28). Nos canis estudados os cães são empregados em três funções: detecção de substâncias, uso da força e relações públicas. Na função de detecção, o faro é instrumentalizado; no emprego da força, como ato ou potência, é a mordida, principalmente, que é instrumentalizada. Já na função de relações públicas o próprio cão é ferramenta de comunicação e interação, como destacam os entrevistados:

Hoje eu digo que o cão, dentro da atividade policial, é uma ferramenta essencial. Talvez ela seja a mais completa, dentro da atividade policial para a busca de entorpecentes, explosivos, e até encontrar infratores homiziados em locais ermos, em locais de edificações. (Cachorreiro a)

Recebemos muitos acionamentos quando existem fugas né, de indivíduos que estão sob a custódia da polícia civil, ou até depois de praticar algum delito. Então eles se evadem, seja dentro de um mato, seja dentro de alguma outra região. Então você usa o cão pra auxiliar a encontrá-lo. E a detecção são pontos de drogas específicos, às vezes escondidos, não são vistos pelo policial a olho nu. Então o cão é uma ferramenta essencial pra encontrar esse tipo de substância. (Cachorreiro b)

Eu acho que a ferramenta, o cão a gente fala assim que é uma ferramenta pra atividade policial, de alto

desempenho. Então quanto mais aprimoração dessa ferramenta que nós temos, mais lapidada ela é, mais nós conseguimos proporcionar um trabalho de excelência para o desempenho na área de segurança pública. (Cachorreiro c)

É igual o revólver. Eu gosto muito de comparar o cão com o revólver né. O policial quando tá armado, ele não fica aí com a arma na mão, exibindo, e a pessoa, ah, deixa eu tirar uma foto com a sua arma, deixa eu pegar na sua arma, deixa eu alisar sua arma, não. O cão aqui na polícia é uma arma. É um ser vivo, por isso ele exige muito mais cuidado, muito mais responsabilidade, porque não dá pra trocar peça. Você tem que cuidar porque se a peça estragar vai ser de difícil reposição. Mas ele é uma arma, e a gente não fica mostrando armas né. A gente cuida muito bem dessa arma e, usou, guardou. Não tem que ficar mostrando. (Cachorreiro d)

Nos trabalhos de ronda, controle de distúrbios e, principalmente, de busca e captura, os cães são instrumentalizados como armas, num sentido próximo daquilo que Arluke chamou “weaponized” (ARLUKE, 2003, p. 35) ao tratar dos pit bulls de gangues norte-americanas, os quais são instrumentalizados como armas para compor o sistema de segurança das gangues, para amedrontar curiosos, para carregar as drogas escondidas em suas coleiras ou mesmo para engoli-las no caso de batidas policiais.

Já no trabalho de detecção os cães não são como detectores magnéticos utilizados para identificar objetos de metal, mas que detectam substâncias específicas através de seu odor. Nas palavras de um policial entrevistado, “Ter um cão de detecção de drogas é como ter óculos de raio-X, pois permite enxergar dentro das coisas”. Se os bovinos criados para produção de carne são como máquinas que produzem proteína (LEWGOY; SORDI, 2012), os cães detectores são máquinas que detectam odores. Segundo Sanders (2007, p. 29):

The patrol dog, in essence, is a tool (or weapon) used by the police officer. For the most part, the dog's [...] behavior is determined by the officer's evaluation of the immediate situation and his or her tactical decisions. Like a hammer driving a nail or a knife slicing an apple, the dog is expected to perform the task determined by the sentient/thoughtful/calculating actor employing the dog/tool.

A representação dos animais de trabalho, como também os de produção, como máquinas, ferramentas ou instrumentos, em suma, como objetos, é elemento chave para a compreensão dos efeitos da modernidade na corporalidade destes sujeitos objetificados, pois, é sobre seus corpos que recaem os vetores modernizantes. O principal fator que direciona a relação dos humanos com os animais de produção e com os animais de trabalho é a relação custo-benefício, normalmente medida em termos financeiros, mas também a partir das relações de tempo/espaço e das

limitações de recursos humanos e estruturais. No caso do policiamento com cães, não apenas os custos de investimento e manutenção são levados em consideração, como também o tempo e a força de trabalho despendidos no treinamento dos humanos e dos animais. Como disseram, repetidamente alguns cachorreiros, “*o cão tem que valer a ração que ele come*”, discurso que se articula diretamente com o debate desenvolvido por Digard (2012, p. 207):

[...] o animal de trabalho perde a possibilidade de se nutrir sozinho; ele deve, pois, não somente ser alimentado, como também ser alimentado de maneira proporcional à energia que ele gasta trabalhando. Seu alimento deve ser recolhido, por vezes cultivado, condicionado e estocado pelo homem. Por conseguinte, para ser rentável, “o animal de trabalho deve produzir mais trabalho que sua forragem consome do trabalho humano.

Abordar a questão do custo-benefício na criação dos animais de trabalho deixa evidente uma diferença em relação aos cães *pet*. Embora os custos que envolvem a criação de um animal de companhia sejam elementos decisivos para a relação entre ele e seu tutor, pois a disponibilidade de recursos financeiros condiciona as possibilidades de ação dos agentes humanos (GAEDTKE, 2017; SEGATA, 2012) para os cães de trabalho, a relação custo-benefício negativa implica na dispensa daquele animal, enquanto que, para os cães *pets*, são elaboradas estratégias diversas para a resolução da questão econômica (GAEDTKE, 2017).

Além dos custos de manutenção, o policiamento com cães demanda equipamentos, como viaturas adaptadas para seu transporte, equipamentos de treinamento como mordedores e caixas de odor, guias, coleiras, coletes, alimentadores, dentre outros.

Dentro da atividade policial, o discurso sobre o cão como uma ferramenta eficaz destaca o valor de uso de seu corpo e de suas funcionalidades. É pela instrumentalização do faro e do corpo do cão que este animal foi escolhido para atuar nesta atividade como parte de sua modernização.

O aumento das formas de uso do cão reflete um aumento das demandas recebidas pelos canis policiais, como também o processo moderno de diferenciação e de especialização das atividades humanas. Se antes essas unidades eram responsáveis por demandas de ronda ostensiva e contenção de distúrbios, com o acréscimo dos cães de detecção e de busca e captura, o leque de chamados e de competências específicas aumentou em volume e em diversidade. Num contexto de excesso de demandas e escassez de recursos, a versatilidade emerge como categoria central na avaliação de eficiência do cão policial. Aqui emerge também o Pastor Belga de Malinois, apontado como um cão mais versátil que aqueles de outras raças, passíveis de ser treinados para dupla aptidão, ou seja, para emprego em mais de uma das funções acima citadas, e que possui maior relação de custo-benefício em sua manutenção:

Então o que que a gente, hoje, busca no batalhão? Raças que tem, no mínimo, dupla aptidão. Principalmente, hoje, noventa por cento do nosso plantel canino tá entre o Pastor Alemão e o Pastor Belga de Malinois. Porque são raças mais versáteis, são raças que podem ser empregadas nesse trabalho de dupla aptidão. Então, o que seria essa dupla aptidão? Eu posso fazer tanto o faro de drogas, ou explosivos, e fazer mais a parte de captura, ou de proteção. Diferentemente de outras raças que nós trabalhávamos. Então já trabalhamos com Rottweiler, já trabalhamos com Labrador. Mas são raças que vai ter uma destinação específica. O Labrador eu vou trabalhar a parte de faro, mas eu não tenho como fazer um cão de proteção. O Rottweiler eu já vou fazer um cão de proteção, mas, pra fazer a parte de faro já fica um pouco mais restrito. Então hoje nós trabalhamos basicamente Pastor Alemão e Pastor Belga de Malinois. Mas nada impede que nós trabalhemos com outras raças. (Cachorreiro e)

Sendo a polícia um dispositivo de distribuição de coerção (BITTNER, 2003), as mudanças nas raças de cães utilizadas por ela fazem parte da seleção dos “meios e modos que expressam tudo que ela passa a ser capaz de fazer” (MUNIZ; PROENÇA JUNIOR, 2013, p. 121). Nesse caminho, cães Belga de Malinois possuem grande eficiência e versatilidade para atuar nas diferentes funções, sejam as tradicionais, de *violência direta*, sejam as mais recentes, de *violência comedida* (OLIVEIRA NETO, 2021b). As mudanças nas atividades realizadas pelos cachorreiros e seus cães estão relacionadas com determinadas mudanças nas formas de interação polícia-sociedade. Elas refletem mudanças sobre que formas de ação policial - e, principalmente, de violência policial - são consideradas modernas ou democráticas:

As expectativas de restrição do uso da força policial ganham força em correlação com uma ordem política moderna de monopólio estatal da força coercitiva: a violência difusa, privatizada, torna-se cada vez menos legítima. [...] Dentre as expectativas que constituem a confiança na polícia em contextos democráticos, a noção de que os policiais devem se utilizar da força de forma restrita, “mínima”, é uma das propriedades mais evidentes das interações observadas neste estudo. Nessas expectativas de restrição do uso da força policial, pode-se perceber o resultado do empoderamento do cidadão face à organização estatal e seus representantes, podendo a pacificação ser tida como um dos processos sociais descentralizadores da modernidade. (SUASSUNA, 2013, p. 42)

A RAÇA IDEAL PARA UMA POLÍCIA MODERNA

Existem centenas de raças pelo mundo, muitas reconhecidas por organizações de cinofilia, agrupadas, historicamente, nos moldes da zoologia moderna, definidos por semelhanças de usos para os humanos. Essa maneira de classificar as raças de cães de acordo com suas características e funcionalidades em relação aos humanos se mantém até os dias de hoje.

A centralidade da raça para o mundo dos cães é percebida pelo grau de institucionalização que ela atinge. Por todo o mundo os chamados kennel clubs são criados como órgão de regulamentação e certificação dos cães de raça pura, os cães com pedigree. São instituições que normatizam regionalmente os criadores desses cães, que entendem sua atividade enquanto uma forma de arte (OLIVEIRA, 2006) que buscam desenvolver a pureza genética das raças, confrontando exemplares caninos em exposições e competições. É o pedigree que separa os cães em dois tipos: os que o possuem são os puros, os de raça, enquanto os que não o possuem são considerados de procedência genética duvidosa, possivelmente impuros (mesmo quando possuidores das principais características fenotípicas de sua suposta raça), mestiços, dentre os quais encontramos os famigerados vira-latas, hoje denominados pela sigla S.R.D., que significa sem raça definida.

O discurso dos entrevistados apontou para a predominância de três raças durante os primeiros períodos do policiamento com cães no Brasil: Rottweiler, Dobermann e Pastor Alemão, sendo esse último aquele que talvez tenha maior presença nas representações da sociedade sobre cães policiais. Aqui cabe lembrar as personagens caninas que fizeram sucesso na indústria cultural ocidental, como Rim-Tin-Tin, nas primeiras décadas do século XX, e Jerry Lee, cão detector de entorpecentes do filme “K9 – Um policial bom pra cachorro”, de 1989. Esses personagens ocupam lugar de destaque na cultura pop e, possivelmente, são responsáveis por parte significativa da posição de celebridade (BAUMAN, 2017) alcançada pelos cães policiais atualmente.

Fato é que, quando o trabalho com cães ainda era considerado insipiente e realizava poucas funções dentro das competências policiais, eram essas as raças que predominavam, convivendo ainda com outras menos utilizadas, como o Labrador, o Spring Spaniel, os Mastiffs, Pitbulls, dentre outros. Seu emprego se destinava a funções de policiamento ostensivo, acompanhando rondas rotineiras e oferecendo amparo a abordagens, além do controle de distúrbios civis e segurança de eventos públicos.

Os três cães, as três raças principais de cães que sempre trabalharam aqui seria o Rottweiler, o Dobermann e o Pastor alemão. Mas com o passar do tempo hoje aqui nós já não temos nem Rottweiler nem Dobermann. Nós temos Pastor alemão. E o Labrador também que sempre existiu, que era pra cães de drogas. Mas hoje nós evoluímos igual, igualmente acompanhando a evolução das polícias do mundo inteiro, a gente adquiriu esses cães hoje da raça Malinois né, o Belga de Malinois, que é uma tendência mundial, que é um excelente cão. É um cão

que, digamos assim, dá menos problema de saúde que o Pastor Alemão, e tem o mesmo vigor físico, ou até melhor, porque o Pastor Alemão ele tem problema de displasia. (Cachorreiro h)

Nos canis policiais pesquisados, os Pastores Belga de Malinois eram predominantes, considerados a raça mais adequada para as atividades de policiamento. Os animais dessa raça eram descritos como máquinas – aqui no sentido figurado, de excelência de desempenho -, como cães que possuem muita energia, muita motivação/vontade para o trabalho, além de serem versáteis, aptos a realizar todas as funções demandadas ao canil:

Antes nós tínhamos aqui Pastor Alemão, Dobermann, Rotweiller e Labrador, essas raças predominavam aqui. Nós já tivemos *Cocker Spaniel*, pequenininho, *Spring Spaniel*, é, *Stanfordshire*, também trabalhamos com *Stanfordshire*. Só que *Malinois* ele tomou de conta da polícia no mundo. Então não é só uma exclusividade brasileira, no mundo inteiro se adotou o *Malinois*. Então assim, inclusive aqui, nós temos aquele pastor cinza né, temos o pastor cinza aqui. Mas, em termos de trabalho, o *Malinois* ele é excepcional. É um cão que não cansa, é um cão que gosta de trabalho, tem uma gana pelo trabalho muito forte né. Então assim, eu creio que o *Malinois* ele vai ficar por muito tempo. Até chegar um outro cão com mais vontade de trabalhar que o *Malinois*, tá difícil. Então essa é uma vantagem né, desse cão. De nós termos abolido os outros cães. Não que os outros não funcionasse, não. É porque a gente conseguiu encontrar um cão ideal. (Cachorreiro l)

O *Malinois* foi considerado, assim, a Ferrari dos... da vida canina pra atividade policial, porque ele é multiuso. Ele serve tanto pra faro, tanto pra demonstração, tanto, entendeu, então pela característica dele, da personalidade dele, o modelo, o padrão dele de personalidade, você pode fazer várias coisas com uma raça só. (Cachorreiro f)

Porque você vê, Rotweiller pra policiamento, Golden pra demonstração, Labrador pra faro de narcótico, outro pra faro de explosivo. Não, peraí, dá pra fazer tudo com o que, *Malinois*. Então é mais fácil... Ração, come bem menos do que um Rotweiller. Menos pesado, então significa que a medicação usada é menos também. A gente pensa, é pensado nisso. O custo-benefício é bem maior do que ter várias raças. (Cachorreiro g)

Dobermann tá praticamente extinto. Você não houve falar: vê um Dobermann aí. São poucos. Aqui no canil temos um policial que cria Dobermann. É o único que tem Dobermann aqui, que eu conheço em Brasília que ainda tem, que gosta. Mas ele cuida desde [estralo com dedos]. Quando eu entrei no canil ele já tava, ele já tinha

Dobermann. Então assim, é um cara que já há muito tempo cuida desse tipo de raça. E essa raça sumiu, você não vê mais por aí. Todo mundo tinha aquela mística: o dobermann vai inchar o cérebro, vai morder todo mundo. É conversa [risada], é lenda. Aí os outros cães foram engolidos pelo Malinois. Malinois ele veio assim mesmo como um tsunami né. Tanto pra faro de droga, que precisa de um cão mais controlado, quanto pra busca e captura, que tem que chegar lá no objetivo, um cão pra realmente morder." (Cachorroiro 12 - policial)

O Pastor Belga Malinois é um cão de porte atlético e proporções harmoniosas, com os machos medindo entre 61-66 cm na cernelha e as fêmeas variando de 56-61 cm, pesando entre 25-30 kg (machos) e 20-25 kg (fêmeas). Seu corpo é bem equilibrado, com um tronco forte, porém não pesado, combinando força e agilidade. A cabeça é alongada e retilínea, com crânio e focinho de comprimento similar, este último afinado e dotado de mandíbula forte e dentes em tesoura. Os olhos, amendoados e castanho-escuros, transmitem alerta e inteligência, enquanto as orelhas triangulares e eretas captam sons com atenção. O pescoço é musculoso e ligeiramente arqueado, sustentando a cabeça com elegância, e o peito, profundo sem ser largo, facilita movimentos ágeis. As costas são firmes, com uma suave inclinação na garupa, e as patas dianteiras são retas e musculosas, enquanto as traseiras, poderosas e bem desenvolvidas, garantem impulsão eficiente. A cauda, de comprimento médio, fica baixa em repouso e erguida (sem enrolar) em ação. Sua pelagem é curta e densa, com subpelo espesso em climas frios, e a cor predominante é o fulvo-carbonado (tons dourados com pontas pretas), muitas vezes acompanhada de uma máscara facial preta. Com postura confiante e energia vibrante, o Malinois exibe um olhar vigilante e musculatura definida, características que destacam sua aptidão para pastoreio, proteção e esportes caninos.

Mudanças de preferência por raças, nas mais diversas formas de relação humano-cão, ocorreram no decorrer de nossa história conjunta, sendo que algumas estão relacionadas com o que Oliveira (2006) aponta como modas de raças, ou raças da moda. As raças da moda são aquelas que, por motivos diversos, se encontram na posição de preferência pelos compradores, como foi o Poodle no Brasil da década de 1990, e como é hoje o Shi-tzu.

Retomando o fenômeno social da criação de cães de estimação na Inglaterra, Thomas (2010) destaca como mudanças na sociedade, principalmente nos padrões de comportamentos e nas atividades praticadas pelos indivíduos refletiram na vida dos cães, antes predominantemente companheiros de caça e esportes dos homens, e de reclusão doméstica das mulheres. Nesse processo, algumas raças de grande porte passaram a integrar o convívio familiar. Nos lares, encontram também a função de guarda, na qual Rottweilers, Dobermans, Pastores Alemães e Filas foram largamente utilizados no Brasil até pouco tempo.

A mudança das raças utilizadas pelos cachorreiros, e a consequente escolha daquelas que seriam ideais, não ocorre enquanto um processo

exclusivamente técnico e isolado dentro das corporações, mas em um suposto diálogo com a realidade social na qual se inserem essas corporações e seu trabalho. Em outras palavras, mudanças nas estruturas sociais, e no surgimento de novas demandas colocam polícia e sociedade em formas inéditas de interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto no decorrer do artigo, a modernização do policiamento com cães se configura como um processo composto por três vetores de mudança: (1) a diversificação e especialização das atividades de policiamento com cães; (2) a busca por formas menos violentas de atuação; (3) desenvolvimento de estratégias para aumento da produtividade e diminuição da relação custo-benefício da atividade policial.

Na prática, o que se configura é a modernização de técnicas, de cães e de humanos, aos moldes do que ocorreu na modernização de outras atividades interespécies, como a bovinocultura brasileira (PERROTA, 2021). A modernização destes três elementos implica em mudanças significativas nas materialidades e corporalidades presentes na prática em si, com destaque para a corporalidade dos cães.

Em primeiro lugar, a modernização do cão levou a uma substituição massiva das raças tradicionalmente utilizadas pelo Pastor Belga de Malinois, reforçando a redução da biodiversidade doméstica (DIGARD, 2012), não apenas nos canis policiais, mas em toda rede de atores e instituições ligadas a eles. Fato é que o principal canil privado que fornece cães de trabalho para as polícias e instituições brasileiras, o Canil Caraíbas, em Goiás, trabalha exclusivamente com esta raça.

Como implicação direta desta redução da biodiversidade doméstica, ocorre também a homogeneização dos saberes e práticas do policiamento com cães, com o esquecimento daquelas ligadas ao cuidado, condução e adestramento das diferentes raças colocadas em desuso. As diferenças corporais das raças de cães demandam diferentes formas de conviver e trabalhar com estes animais, acrescentando peculiaridades na interação humano-cão, e que geravam também uma diversidade técnica e de saberes, aos moldes do que ocorre nas práticas tradicionais e extensivas de pecuária (ZAMBRINI, 2019; PERROTA, 2021).

Pela perspectiva do trabalho, os dois processos descritos acima estão interligados também com o fenômeno da precarização do trabalho, neste caso, tanto humano quanto animal. Homogeneizando corpos, práticas e saberes, possibilita-se maior exploração do trabalho, ao mesmo tempo em que reduz as particularidades das relações entre cachorreiros e cães, mecanizando-as, subtraindo delas seu caráter afetivo, e adequando-os ao trabalho em escala, dessubjetivado e objetificante (OLIVEIRA NETO, 2022).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARLUKE, A. *Ethnozoology and the future of Sociology. The International Journal of Sociology and Social Policy*, V. 23, n. 3, 2003.

BARRETO, E. **Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

BAUMAN, Z. **Vida líquida.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2017

BECKER, H. S. **Segredos e truques de pesquisa.** Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges, revisão técnica, Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Zahar.2007

BITTNER, E. **Aspectos do trabalho policial.** São Paulo: EdUSP, 2003.

BIRCHAL, F. F. S., Zambalde, A. L., & Bermejo, P. H. de S.. (2012). Planejamento estratégico situacional aplicado à segurança pública em Lavras (MG). **Revista De Administração Pública**, 46(2), 523-545. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122012000200009>

CHAVES, E. **Animais de estimação: uma abordagem psicosociológica da concepção dos idosos.** Dissertação de mestrado, 2006.

DIGARD, J. A biodiversidade doméstica. Uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 205-223, 2012.

FANARO, L.A. *The domestic, the wild and its interstices: what can a dog do in Tierra del Fuego. Vibrant*, 17, 2020.

FANARO, L.A. **Notas sobre las relaciones entre perros de trineo y mushers en Tierra del Fuego**, Argentina. Tabula Rasa, 40: 75-98. 2021

FANARO, L.A. (2024a) *La caza de trufas negras (*Tuber melanosporum*) en Chile: aproximaciones y distanciamientos con otras prácticas cinegéticas.* In. S. M. Cruzada; J. M. Dabezies (orgs.), *Cazando en Iberoamérica: polisemias cinegéticas del mundo contemporáneo*. Valencia: **Tirant Humanidades**. pp. 273-294, ES.

FANARO, L.A. (2024b) **Um dia de cão:** humanos e cães na Terra do Fogo sob a perspectiva do trabalho animal. Editora de Castro, São Carlos, BR (en prensa).

GAEDTKE, K. **‘Quem não tem filho caça com cão’:** animais de estimação e as configurações sociais de cuidado e afeto. 2017 Tese (Doutorado em

Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GAEDTKE, K. Afeto e Cuidado nas Relações Entre Humanos e seus Animais de Estimação. **MEDIAÇÕES**, LONDRINA, V. 24 N. 3, P. 84-99, SET.-DEZ. 2019.

GORRELL, G. **Working like a dog: the story of working dogs through history**. Canadá, Tundra Books, 2003.

IRVINE, L. *Animals and Sociology. Sociology Compass*, Blackwell Publishing Ltda, Colorado, v. 2, n.6, 2008

IRVINE, L. ‘*Sociology and Anthrozoology: Symbolic Interactionist Contributions*’, **Anthrozoos** 25: S123-S137, 2012.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Soc. estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, Dec. 2009

JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (orgs.) – **Textos em representações Sociais**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

JUNG, Carlos Fernando. **Metodologia para pesquisa & desenvolvimento:** aplicada a novas tecnologias, produtos e processos. Rio de Janeiro: Aexcel Books do Brasil. 2004.

LEWGOY, B.; SORDI, C. Devorando a carcaça: contracozinhas e dietas alternativas na alimentação animal. **Anuário Antropológico**, v. 2, p. 159-175, 2012.

LIMA, J. **Novas Formas Relacionais, Valores Ambientais e Reestruturação do Conjunto da Vida: os indivíduos e seus bichos na cidade de Brasília**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, 2002.

MAZON, M. S. & MOURA, W. G. Cachorros e humanos: Mercado de rações pet em perspectiva sociológica. **Civitas**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 138-158, jan.-abr. 2017.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais** - investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUNIZ, J.; PROENCA JUNIOR, D. **Armamento é Direitos Humanos**: nossos fins, os meios e seus modos. Soc. estado, Brasília, v. 28, n. 1, p. 119-141, abr. 2013.

OLIVEIRA, S. B. **Sobre Homens e Cães: Um Estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção**. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). IFCS/ PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA NETO, E. A. **Os cães ladram mas a caravana não para: Estudo Etnográfico sobre o policiamento com cães no Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado, UnB, 2016.

OLIVEIRA NETO, E. A. de (2021). **Cachorreiros e cães da polícia e dos bombeiros: um estudo em representações sociais a partir das relações humano-cão** (Tese de Doutorado em Sociologia). Brasília: Universidade de Brasília,. Disponível em <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/41529>> 2021.

OLIVEIRA NETO, E. A. (2021b) Policiamento com cães: Raças e funções em perspectiva sociológica. **REVISTA URUGUAYA DE ANTROPOLOGÍA Y ETNOGRAFÍA**, v. VI, p. 29-54.

OLIVEIRA NETO, E. A.. Trabalho animal em canis da polícia e dos bombeiros: apontamentos iniciais a partir da sociologia do trabalho. **REVISTA ENSAMBLES**, v. 9, 2022.

PERROTA, A. P. O mercado do boi gordo: “modernizando” técnicas, gado e gente. **Estudos de Sociologia, Araraquara**, v. 25, n. 49. DOI: 10.52780/res.14078. 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/14078>.

PORTO, M. S. **G. Sociologia da Violência**. Brasília, Verbena Editora, 2010.

SÁ, G. J. S. **No mesmo galho:** antropologia de coletivos humanos e animais. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

SANDERS, C. R.. *The impact of guide dogs on the identity of people with visual impairments*. **Anthrozoös** 13: 131-139, 2000.

SANDERS, C. Trust your Dog: *Expectations, Functions, and Ambivalence in the Relationships between K-9 Officers and Guide dog Handlers and their Dogs*. **Journal of Social and Ecological Boundaries** (2.2), p. 11-33, 2007.

SEGATA, J. (2012). **Nós e os outros humanos, os animais de estimação** [tese de doutorado]. Florianópolis: PPGAS/UFSC. 2012.

SILVA, E.L.; MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** Florianópolis: Laboratório de ensino a distância da Universidade Federal de Santa Catarina. 2001.

SUASSUNA, Rodrigo Figueiredo. (2013). **Confiança e reciprocidade entre policiais e cidadãos: a polícia democrática nas interações.** 2013. 230 f. Tese (Doutorado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural - mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800).** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ZAMBRINI, Ariane. (2019). LABORO E PECUÁRIA CAPRINA NO SERTÃO DE PERNAMBUCO. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia.** 7. 106. 10.15210/tes.v7i1.14547.